

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Folha de São Paulo

Class.: 975

Data: 17.05.78

Dr .



Em Nonoai, o desabrigo dos colonos, como a viúva Paulinea (foto) e seus filhos...

Índios reiniciam expulsão dos colonos de Nonoai

LUÍS PADOVANI  
Enviado Especial

NONOAÍ (RS) — Os índios Caingangues, da Reserva de Nonoai, no Norte do Rio Grande do Sul, reiniciaram, conforme haviam prometido, o processo de expulsão dos colonos brancos — arrendatários da Funai — de suas terras, interrompido desde sexta-feira última. Com isso, a situação no pequeno Município se torna cada vez mais grave, pois os colonos expulsos há mais de uma semana, acrescidos dos que agora abandonam a reserva, estão impacientes e esperam apenas que o Sol, que retornou na tarde de ontem, seque as plantações, para invadirem a área indígena e efetuar a colheita. Se de fato ocorrer esta invasão, os choques serão inevitáveis.

Esses acontecimentos eram previstos em Nonoai na medida em que as autoridades federais responsáveis pelo problema, até agora, doze dias depois que a rebelião dos caingangues teve início, não trouxeram a resposta que a questão exige: terras para acomodar os cinco mil colonos que ocupavam 70 por cento da área indígena.

Enquanto isso, o general Ismarth de Oliveira, presidente da Fundação Nacional do Índio, informava na cidade de Santo Angelo, onde pernitoou esta noite antes de se dirigir para Nonoai, que "a situação está sob controle".

A realidade, porém, beira à calamidade. O Posto de Saúde de Nonoai já está se preparando para um grande número de inevitáveis doentes, principalmente crianças, provenientes das famílias que estão em péssimas condições ambientais. Aliás, seis soldados da Brigada Militar gaúcha já estão internados ali, sofrendo diarreia e vômitos, enquanto a maioria dos 260 policiais enviados à região apresentam os mesmos sintomas. A tropa toda, desde os oficiais até os soldados, mostra sinais de profundo descontentamento com o serviço que prestam e com a falta de solução para o caso.

O prefeito de Nonoai, Gervásio Magri, partiu ontem à noite para a Capital (distante 400 quilômetros), "em busca do socorro prometido há cinco dias". As aproximadamente 500 famílias — cerca de três mil pessoas — que ainda continuaram na reserva depois da primeira fase de expulsão, estão sendo obrigadas a abandonar a área a partir de ontem.

A nova ofensiva dos Caingangue, entretanto, era prevista, pois quando suspenderam o processo de expulsão fizeram-no sob a condição de que os brancos restantes em suas terras saíssem dali em curto prazo.

Como as autoridades ainda não se decidiram pela concessão de terras nem aos colonos já desabrigados, que, de acordo com os índios, constituem-se numa ameaça real de invasão, os Caingangues resolveram, conforme haviam prometido, retomar as ações.

As patrulhas indígenas, que estão desativadas desde a reunião do cacique Nelson Jacinto ("Xangrê", em sua língua), com o general Lopes Teixeira, na sexta-feira, foram novamente formadas e passaram a agir por sua própria conta, a despeito das viaturas da Brigada Militar que circulam dentro da reserva. Isto também foi confirmado pelo índio João Luiz, que caminhava pela estrada de terra com sua família, levando compras para a aldeia.

BORDUNAS

O meio de expulsar os brancos das terras dos índios é o mesmo utilizado na primeira investida. Um grupo variável de Caingangues, portando desde bordunas até armas de fogo de pequeno calibre, cerca a residência do posseiro e lhe dá um prazo de 24 horas para abandonar a área.

Um dos colonos que recebeu este prazo foi Nicanor da Silva. Sobre a carreta puxada a trator, onde se encontravam a esposa, uma criança de colo, em meio a móveis e sacos de milho, ele contou como ocorreu a expulsão:

"Eram sete índios armados cercando a casa e mais um tanto escondido na capoeira. Eles vieram cedo e deram pra eu sair até amanhã de manhã. Mas eu catei minhas coisas e vim embora hoje mesmo" disse.

Nicanor e sua família estavam, como fazem os colonos expulsos, dirigindo-se a

FOTOS: DERLY MARQUES



... é o mesmo do índio João Luiz e sua família

um dos acampamentos improvisados à beira das estradas que dão acesso à reserva.

O reinício da ação dos índios impediu a concretização de um plano traçado — sem consulta ao cacique Nelson Jacinto — que consistia em reunir grupos de colonos, cujas plantações na reserva fossem vizinhas e conceder-lhes proteção de soldados enquanto colhessem a safra. Com a nova situação, porém, esse plano foi cancelado.

Desalojados vivem situação dramática

NONOAÍ — O quadro formado pelas famílias desabrigadas é sensivelmente dramático. A chuva que caiu sobre a região desde a tarde de segunda-feira até o meio dia de ontem aumentou as privações das duas mil pessoas que haviam abandonado a reserva na semana passada.

Crianças descalças enfrentam a lama e a temperatura que caiu bruscamente com a mudança de tempo. Famílias de até dez pessoas dormindo em tendas de dois metros de largura por três de comprimento; onde ainda são abrigadas as galinhas e até mesmo porcos.

Outras famílias, que não tiveram a sorte de conseguir uma das lonas distribuídas (as 62 não foram suficientes) e também não encontraram lugar nas superlotadas capelas e escolas de beira de estrada, dependem da caridade de outros colonos que lhes conseguem um espaço para dormir no já reduzido de que dispõem.

NA GRAMA

Uma dessas famílias é a da viúva Paulinea Antares, sete filhos entre 2 e 12 anos, recém saída da reserva indígena. "Nós chegamos aqui ontem debaixo de chuva, e só conseguimos um lugarzinho porque teve uma senhora muito boa que arranjou. Mas não tinha nada para forrar e tivemos que dormir na grama molhada" — disse.

Sobre a grama molhada dormiu, por exemplo, sua filha Rosina, de "seis para sete anos", mas que aparenta quatro. "Ela sofre de asma e nessa manhã acordou muito ruim" — explicou a mãe.

Além de Rosina, muitas outras crianças estão doentes no acampamento de Taquaruçzinho.

A exemplo do que ocorre em Nonoai, os índios Kaingang da Reserva de Cacique Doble, no município de S. José do Ouro, a 300 km ao norte de Porto Alegre, rebelaram-se desde segunda-feira contra os colonos que cultivam suas terras. Cerca de 60 a 80 índios atacaram algumas lavouras, colhendo aproximadamente 200 sacas de milho, e dando prazo para que os colonos se retirem.

Na reserva vivem cerca de 300 indígenas entre eles alguns poucos guaranis. Os colonos expulsos requisitaram auxílio da Brigada Militar de S.J. do Ouro, mas até ontem não tinham obtido resposta.